

O IMPACTO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO SEMIÁRIDO POTIGUAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PROJETO CIÊNCIA NO PARQUE

*Italo Ramon Oliveira Lopes¹, Subênia Karine de Medeiros², Jusciane da Costa e Silva³
Departamento de Ciências Naturais, Matemática e Estatística - DCME
Centro de Ciências Exatas e Naturais - CCEN*

Resumo: Este trabalho analisou o impacto do projeto de extensão Ciência no Parque na popularização da ciência em regiões do semiárido potiguar. O objetivo foi compreender como ações extensionistas desenvolvidas em espaços públicos e escolares contribuem para o acesso democrático ao conhecimento científico e para a formação cidadã em contextos historicamente vulnerabilizados. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, entre 2022 e 2024. As atividades observadas foram desenvolvidas nos municípios de Mossoró, Pau dos Ferros e Nova Barra de Santana, e envolveram oficinas interativas, sessões com planetário móvel, experimentos de baixo custo e mediações científicas em linguagem acessível. A metodologia incluiu observação participante, aplicação de questionário eletrônico e revisão bibliográfica. Os resultados indicam que o projeto despertou interesse por ciência em mais de 88,5% dos participantes, com destaque para temas como meio ambiente, astronomia e robótica. A totalidade dos respondentes considerou o projeto importante para a sociedade e recomendaria sua ampliação para outras localidades. Os relatos qualitativos reforçaram a relevância formativa da iniciativa, destacando experiências emocionantes e educativas que superaram as limitações do ensino formal. O projeto Ciência no Parque consolida-se como uma ação extensionista transformadora, ao integrar ciência, cultura e inclusão, promovendo a aproximação entre universidade e comunidade.

Palavras-chave: ciência no parque; extensão universitária; divulgação científica; semiárido;

1. INTRODUÇÃO

A ciência desempenha um papel central nas transformações sociais, culturais e tecnológicas do mundo contemporâneo, mas ainda enfrenta desafios significativos relacionados ao acesso e compreensão por parte da população. Essas limitações se acentuam em regiões marcadas por desigualdades históricas, como o semiárido nordestino. Neste contexto, a divulgação científica surge como ferramenta essencial para a democratização do saber e para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e engajados.

O projeto Ciência no Parque, desenvolvido no âmbito da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), tem como objetivo tornar a ciência acessível especialmente a pessoas que residem em áreas remotas, distantes dos centros urbanos e das tradicionais instituições de ensino. A proposta é simples, porém eficaz: levar a ciência a praças, parques e espaços públicos, rompendo os muros da universidade e promovendo o conhecimento em ambientes informais.

Por meio de atividades lúdicas e interativas, como oficinas de robótica, experimentos de física, química e biologia, observações astronômicas e o uso do planetário móvel (o maior do Rio Grande do Norte), o projeto tem se consolidado como uma iniciativa extensionista de grande relevância social e educacional. Desde sua primeira edição em 2021, o projeto Ciência no Parque alcançou milhares de pessoas em dezenas de municípios do Rio Grande do Norte e Ceará, promovendo momentos de aprendizado, encantamento e descoberta.

Mais do que divulgar ciência, a iniciativa constrói pontes entre universidade e comunidade, aproxima gerações, fortalece o ensino de ciências nas escolas públicas e contribui para despertar possíveis vocações científicas. Ao ocupar o espaço público com conhecimento, promove inclusão, pertencimento e cidadania.

Esta pesquisa decorre do envolvimento direto de estudantes de graduação nas ações de extensão do projeto e reflete o interesse em compreender o impacto real dessas iniciativas. Trata-se de uma análise qualitativa que busca evidenciar como a ciência, presente nas praças, nos olhares e nas vozes da população, pode sensibilizar, aproximar e transformar realidades concretas. Adotando uma abordagem qualitativa baseada em revisão bibliográfica, análise documental e pesquisa de campo, este estudo reflete sobre a eficácia das práticas de divulgação científica e explora caminhos para seu fortalecimento, valorização e expansão.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho adotou uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, fundamentada na experiência de participantes ativos do projeto de extensão Ciência no Parque no período de 2022 a 2024. A metodologia foi estruturada em três eixos principais: observação participante, pesquisa de campo com coleta de dados por formulário eletrônico e revisão bibliográfica.

A observação participante foi realizada através da coleta de registros fotográficos, anotações e conversas informais com participantes das atividades, ocorrendo de maneira sistemática ao longo das ações do projeto em diferentes municípios do interior do Rio Grande do Norte, com destaque para Mossoró, Pau dos Ferros e Nova Barra de Santana.

Complementando a observação direta, foi aplicado um questionário estruturado via *Google Forms*. O formulário foi amplamente divulgado nas redes sociais oficiais do projeto. O questionário incluiu questões objetivas e abertas, abordando frequência de participação, percepção de impacto, nível de satisfação e sugestões de melhorias. A pesquisa obteve 100 respostas, englobando estudantes, professores e membros da comunidade em geral.

Por fim, a pesquisa foi finalizada por uma revisão bibliográfica, contemplando livros, artigos acadêmicos, documentos institucionais do projeto, reportagens jornalísticas e publicações científicas da própria equipe do projeto Ciência no Parque. A escolha por múltiplas fontes visou conferir maior robustez à análise qualitativa, proporcionando uma reflexão aprofundada sobre o papel da extensão universitária na popularização da ciência em contextos periféricos.

3. PROJETO DE EXTENSÃO: CIÊNCIA NO PARQUE

A divulgação científica transcende métodos, trata-se também de identidade. A forma como a ciência se comunica com a sociedade reflete como se percebe enquanto um projeto social. Quando a universidade se isola, negligencia sua função primordial de democratizar o conhecimento. Como destaca Martins (2024), o conhecimento científico só adquire sentido pleno quando é apropriado pela sociedade.

Espaços não formais de educação são fundamentais para propiciar maior flexibilidade, menos hierarquia e interações afetivas que favorecem aprendizagem significativa. Gohn (2010) ressalta que tais espaços promovem formação crítica e cidadania científica. Silva, Medeiros e Castro (2023) complementam que a ocupação dos espaços públicos por atividades educativas torna o conhecimento mais próximo das realidades locais e o torna mais sensível, criativo e acessível.

O projeto Ciência no Parque insere-se nesse contexto como iniciativa que rompe barreiras geográficas e sociais, ao levar ciência de qualidade a comunidades frequentemente marginalizadas pelas políticas públicas. Criado em 2021, sua missão é aproximar a ciência da população do interior potiguar. Medeiros et al. (2022), destacam que as ações incluem observações astronômicas, oficinas de realidade aumentada, robótica, química recreativa e diversas outras atividades interativas em praças, parques e escolas, usando equipamentos como telescópios, microscópios e planetário móvel.

A interdisciplinaridade é parte integrante do projeto, promovendo diálogos entre áreas como física, química, biologia, astronomia e saberes da arte, história, cultura e questões ambientais e sociais, enriquecendo a experiência dos participantes.

O projeto Ciência no Parque não se restringe aos muros da universidade, pelo contrário, estende a ciência a áreas periféricas e comunidades frequentemente negligenciadas, tornando o conhecimento algo presente no cotidiano das pessoas. Além disso, a participação ativa de escolas públicas, não apenas do município sede onde se tem o laboratório físico do projeto e seus coordenadores, mas também de cidades vizinhas, contribui para uma mobilização regional. Professores das escolas atendidas frequentemente relatam o impacto positivo na motivação dos estudantes e na valorização da ciência no ambiente escolar.

A partir das ações desenvolvidas entre os anos de 2022 e 2024, nos municípios de Mossoró, Pau dos Ferros e Nova Barra de Santana, este trabalho apresenta um panorama das principais contribuições do projeto Ciência no Parque. Observa-se que, ao ser conduzida de forma lúdica, sensível e acessível, a divulgação científica pode desempenhar um papel relevante na transformação de realidades locais, fomentando a curiosidade e a cidadania científica em contextos historicamente marginalizados.

Entretanto, é necessário reconhecer a existência de desafios estruturais que comprometem a sustentabilidade das ações extensionistas. Como destacam Silva et al. (2023), a escassez de recursos financeiros, as dificuldades logísticas e a ausência de apoio institucional contínuo ainda limitam a continuidade e a expansão do projeto. Apesar dessas adversidades, a iniciativa tem demonstrado forte capacidade de adaptação, resultado do esforço coletivo e do compromisso das equipes envolvidas, reafirmando a importância da ciência como bem público, acessível e socialmente relevante.

4. AÇÕES DESENVOLVIDAS PELO PROJETO CIÊNCIA NO PARQUE

4.1 Mossoró

O município de Mossoró possui uma população estimada superior a 300 mil habitantes, sendo 92,73% residentes em áreas urbanas e 7,27% em áreas rurais (IBGE, 2023). Tal configuração favorece a realização de edições regulares do projeto, tanto em espaços públicos como o Parque Municipal Professor Maurício de Oliveira quanto em escolas da zona urbana e rural. O projeto adota um formato itinerante, realizando eventos mensais ou bimestrais, além de receber turmas escolares no laboratório do projeto, no campus da Ufersa para atividades práticas e experimentais com experimentos de baixo custo.

A segunda edição do Ciência no Parque, realizada no Parque Municipal, em agosto de 2022, marcou o fortalecimento do projeto como um espaço democrático de educação científica. Segundo Medeiros et al.(2022), essa edição contou com mais de 60 voluntários e centenas de visitantes, configurando o Parque Municipal como um ambiente dinâmico de integração entre ciência, cultura e lazer. As Figuras 1 ilustram momentos desta edição, evidenciando a participação da comunidade nas diversas atividades realizadas.



Figuras a e b. Apresentação de atividades científicas na 2ª Edição do Ciência no Parque (Acervo do projeto).

No dia 8 de outubro de 2022, o projeto Ciência no Parque realizou a edição da *International Observe the Moon Night* (IOMN), evento global promovido pela NASA com o objetivo de incentivar a observação lunar e a divulgação da ciência de forma pública, gratuita e acessível. A atividade foi realizada no campus da Ufersa, em Mossoró, integrando a programação de popularização da ciência.

O evento aconteceu no Expocenter da Ufersa, reunindo diferentes linguagens de divulgação científica em um ambiente acessível e inclusivo. A programação contemplou observação da Lua, de Júpiter e Saturno com telescópios; estandes de experimentos interativos; oficinas educativas; e o planetário móvel Barca dos Céus da (UFRN); além de apresentações artísticas, musicais e palestras sobre astronomia e exploração espacial em linguagem acessível. Entre os destaques estiveram a participação remota da pesquisadora Stella Adduci (USP), o professor Hidalyn Mattos (Ufersa) e o jovem divulgador científico Arthur Felipe, que apresentou astrofotografias e realizou demonstrações com telescópios.

A participação de crianças e adolescentes como mediadores destacou o protagonismo juvenil e o engajamento comunitário. De acordo com a Assessoria de Comunicação da Ufersa (2022), o evento reuniu mais de mil visitantes, consolidando a primeira edição da IOMN em Mossoró, com chancela oficialmente da NASA. Essa experiência contribuiu significativamente para a formação extensionista dos envolvidos no projeto, evidenciando o potencial da ciência como ferramenta de inclusão, quando articulada com cultura, arte e educação em espaços públicos.

A Figura 2(a) mostra a participação de crianças durante a oficina de desenho temático, reforçando o caráter lúdico e educativo do evento. Já a Figura (b) registra parte do público reunida nas apresentações culturais e científicas, evidenciando o alcance social da atividade e a ocupação do espaço público como ambiente de aprendizagem científica.



Figura (a) Oficina de desenho temático com crianças durante a IOMN e (b) público reunido durante as apresentações culturais e científicas, evidenciando a participação ativa da comunidade (Acervo do Projeto)

A edição especial realizada durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) em outubro de 2023 consolidou o projeto como uma referência regional em ações de divulgação científica. O evento, voltado para a observação do eclipse solar anular, atraiu mais de oito mil visitantes ao Parque Municipal Professor Maurício de Oliveira, segundo levantamentos da organização, sendo a maior edição já realizada. A programação incluiu a distribuição gratuita de lentes solares com filtros adequados, oficinas práticas, atividades interativas e apresentações culturais, possibilitando uma interação ampla e segura com o fenômeno astronômico.

Participaram da ação mais de 40 projetos científicos dos diversos cursos da Ufersa, abrangendo ciências exatas, biológicas, agrárias e engenharias, além de oficinas infantis, jogos educativos, experimentos de baixo custo e apresentações artísticas abertas ao público. O evento foi cuidadosamente planejado para integrar ciência, arte e comunidade, transformando o parque em um espaço acolhedor e educativo. Durante todo o período da tarde e início da noite, o local foi tomado por famílias, estudantes, professores e curiosos, interessados em compreender o eclipse e participar de atividades científicas acessíveis.

A Figura 3 ilustra o expressivo envolvimento comunitário durante a SNCT, evidenciando a ocupação dos espaços públicos como ambientes de aprendizagem científica e integração social.



Figura 3. Registro da participação massiva do público durante a edição dedicada ao eclipse solar anular (Acervo do Projeto)

A edição da SNCT 2024 manteve a regularidade das atividades, reunindo 50 projetos de extensão da Ufersa e mobilizando três mil visitantes, com ênfase em temas como sustentabilidade, tecnologias sociais e valorização da Caatinga, conforme LIMA et al. (2021). Além dos grandes eventos, destacou a importância das

atividades de rotina, com visitas programadas das escolas públicas, principalmente em regiões periféricas e rurais, ao laboratório do projeto. O laboratório do projeto permite a realização de oficinas de baixo custo, envolvendo experimentos de física, química, robótica e astronomia, seguindo práticas de ensino ativo e aprendizagem significativa.

4.2 Pau dos Ferros

A edição do projeto realizada no município de Pau dos Ferros-RN, no dia 14 de outubro de 2024, integrou o conjunto de ações promovidas pelo projeto Ciência no Parque durante a 20ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT). O evento ocorreu no campus da universidade reunindo centenas de estudantes da educação básica, professores, técnicos, pesquisadores e membros da comunidade local.

Ao longo de toda a programação, foram desenvolvidas diversas atividades interativas de popularização da ciência, organizadas por equipes vinculadas aos projetos de extensão, pesquisa e ensino da instituição. No total, foram ofertadas mais de 30 ações educativas, contemplando áreas como Física, Química, Biologia, Matemática, Computação e Robótica. Destacam-se, dentre as atividades realizadas, oficinas experimentais, exposições didáticas, jogos educativos, observação astronômica com telescópios e sessões do Planetário Móvel, um dos principais atrativos da edição, que despertou grande interesse dos participantes ao longo do evento.

O tema central da SNCT 2024 “Biomias do Brasil: diversidade, saberes e tecnologias sociais”, destacou a Caatinga e a valorização dos saberes tradicionais em diálogo com o conhecimento científico. A proposta buscou integrar ações educativas e culturais com enfoque territorial, abordando diretamente os desafios e potencialidades do semiárido nordestino.

O evento contou com ampla participação de escolas públicas e privadas, não apenas do município de Pau dos Ferros, mas também de cidades vizinhas, como Martins, Encanto e Rafael Fernandes. Essa mobilização regional evidenciou o papel integrador do projeto, ampliando o acesso ao conhecimento científico para estudantes de diferentes realidades do Alto Oeste potiguar, proporcionando aos alunos uma vivência prática com atividades científicas e tecnológicas que, muitas vezes, não fazem parte do cotidiano escolar tradicional.

O município de Pau dos Ferros reuniu um público diversificado em um espaço de convivência científica, cultural e educacional. A realização no campus da Ufersa favoreceu a aproximação entre a universidade e as comunidades escolares da região, fortalecendo o papel da extensão universitária na democratização do acesso à ciência. As Figuras 4(a) e (b) apresentam registros das ações durante toda a ação.



Figuras (a) Participação de crianças em atividade no planetário móvel do projeto, proporcionando uma experiência lúdica e educativa sobre astronomia e (b) apresentação de atividades com experimentos de baixo custo.(Acervo do Projeto)

4.3 Nova Barra de Santana

A comunidade de Nova Barra de Santana, no município de Jucurutu-RN, é fruto de um reassentamento planejado para abrigar cerca de 900 famílias da antiga Barra de Santana, transferidos devido à construção da Barragem de Oiticica. Com infraestrutura completa, sistema de esgoto, água tratada, drenagem, pavimentação, posto de saúde, escola, creche, quadra esportiva, centro comercial e até uma igreja réplica da anterior, resultado de um processo participativo com os moradores.

O projeto Ciência no Parque, que levou ciência à Nova Barra de Santana por meio do projeto Ciência no Parque não significou apenas participar de uma ação de extensão institucional, mas sim um gesto de reconstrução comunitário, foi um momento simbólico de esperança, incorporando ciência, arte, educação em um território que experimenta posicionamento social, sentir que estava participando de algo maior, um verdadeiro reencontro da comunidade.

Durante a visita, houve várias atividades, como atenção especial às sessões do Planetário Móvel onde crianças, jovens e adultos puderam observar o céu de forma lúdica e aprender sobre estrelas, planetas e outros fenômenos astronômicos. Também foram realizadas oficinas e experimentos de física, química, robótica e do meio ambiente adaptados para que todos pudessem interagir, além de jogos para mostrar como a ciência está presente no nosso dia a dia.

A presença do projeto na Nova Barra de Santana deixou evidente que a ciência acolhe e transforma. Quando apresentada com carinho, criatividade e empatia, a ciência torna-se ponte, conectando pessoas e saberes. Assim, a atuação do projeto em Nova Barra de Santana não só contribuiu para popularizar a ciência na região do Seridó. A ciência encontrou ali seu verdadeiro papel: o de instrumento de transformação, inclusão e encantamento, como mostram as Figuras 5(a) e (b).



Figuras (a) Observação astronômica realizada na Nova Barra de Santana durante o Ciência no Parque e (b) Apresentação de experimentos químicos. (Acervo do Projeto)

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa de campo foi realizada por meio de formulário eletrônico e contou com a participação de 100 respondentes, abrangendo diferentes faixas etárias e níveis educacionais. No que se refere ao sexo, observou-se uma distribuição equilibrada entre os participantes, sendo 45,8% do sexo masculino, 47,7% do sexo feminino e 6,5% que preferiram não informar, conforme apresentado na Figura 6.

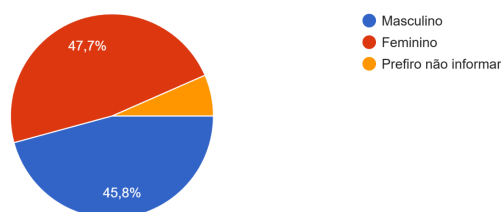


Figura 6. Distribuição dos participantes por sexo. Fonte: Dados da pesquisa (2025).

No que se refere à escolaridade, destacou-se a presença de respondentes com ensino superior incompleto (57%), seguido por ensino superior completo (20,6%) e ensino médio completo (14%). Participantes com ensino fundamental completo e incompleto representaram menor proporção, como ilustrado na Figura 7. Esses dados evidenciam que o projeto alcançou públicos diversos, com predominância de pessoas com maior escolaridade, como professores, estudantes universitários e profissionais da educação. Isso, pode estar associado à maior familiaridade dessas categorias com iniciativas de extensão acadêmica.

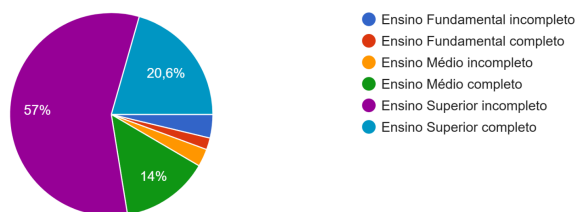


Figura 7. Escolaridade dos participantes. Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Em relação à frequência com que os participantes costumam frequentar eventos científicos, 46,7% afirmaram participar ocasionalmente, 43% frequentemente e 10,3% nunca participaram (Figura 8a). No que se refere ao impacto do evento no interesse por ciência e tecnologia, os dados revelaram que 46,7% relataram aumento significativo no interesse, 46,7% afirmaram que aumentou um pouco e apenas 8,4% informaram que permaneceu o mesmo (figura 8b). Esse resultado evidencia que o projeto atua como importante ferramenta de estímulo ao engajamento científico, especialmente entre públicos que não possuem contato frequente com a ciência.

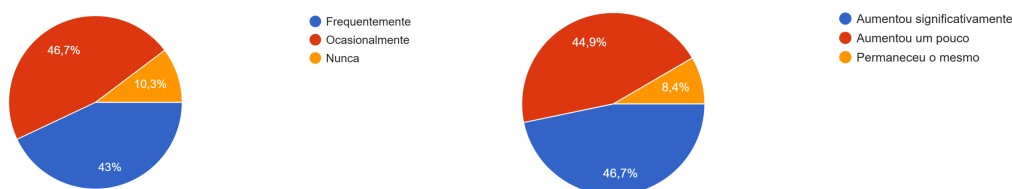


Figura 8. (a) Frequência com que os participantes costumam participar de eventos científicos e (b) Impacto do evento no interesse por ciência e tecnologia. Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Todos os respondentes (100%) consideraram que eventos como o Ciência no Parque são importantes para a sociedade no que diz respeito à popularização da ciência (Figura 9). Tal percepção reforça a relevância do projeto enquanto ação extensionista, que destaca a necessidade de tornar o conhecimento científico acessível e socialmente apropriado.



Figura 9. Percepção sobre a importância do projeto para a sociedade. Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Com relação às áreas do conhecimento que mais despertaram interesse e contribuíram para o aprendizado, destacaram-se meio ambiente (59%), astronomia (51,4%), biodiversidade (49,5%), robótica (47,6%) como mostra a Figura 10. Esses dados indicam a reforçam a efetividade das oficinas interativas propostas, além de demonstrar o caráter marcadamente interdisciplinar do projeto, como apontado por MEDEIROS et al. (2022), ao integrar ciências exatas, biológicas e ambientais com criatividade e ludicidade.

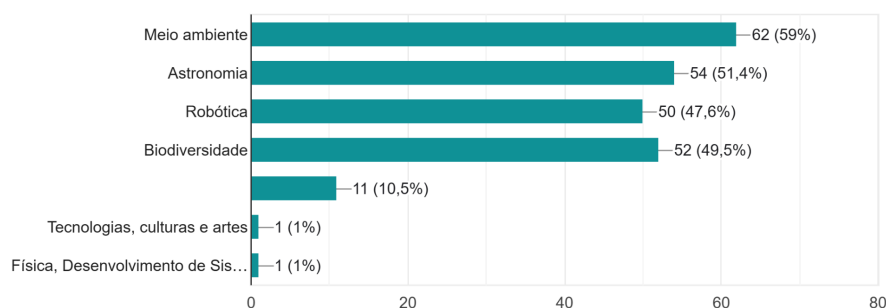


Figura 10 – Temas que mais contribuíram para o aprendizado segundo os participantes. Fonte: Dados da pesquisa (2025).

As respostas abertas reforçaram a análise qualitativa, revelando que o projeto não apenas informa, mas desperta e proporciona experiências marcantes. Muitos relataram o evento como “uma oportunidade única”, mencionando o impacto da observação astronômica, das oficinas práticas e da presença de atividades que normalmente não fazem parte do cotidiano escolar. Entre os relatos, destacam-se:

“Grande contribuição ao proporcionar vivências fora da realidade de muitos, podendo instigar a curiosidade por diversas áreas da ciência.”

“Através do Ciências no Parque tive conhecimento de assuntos que em algum outro momento eu não iria procurar saber deles, mas ali, consegui ter uma aproximação e um genuíno interesse. Desde os fatos em si, mas especialmente pela maneira como os temas são explanados e exemplificados pelos alunos, de maneira muito dinâmica e visual. A exemplo, os trabalhos mais voltados às engenharias, ecologia e robótica..”

“Acredito que o projeto contribuiu significativamente para o meu aprendizado na área das Ciências. Por meio dele, tive a oportunidade de aplicar, na prática, conceitos teóricos vistos em sala de aula, o que facilitou a compreensão dos conteúdos...”

As percepções expressas pelos participantes do projeto Ciência no Parque evidenciam o potencial formativo dos espaços não formais de educação científica. Os relatos revelam o impacto das vivências promovidas pelo projeto, especialmente no que diz respeito à curiosidade despertada, à aproximação com temas pouco explorados no cotidiano escolar e à possibilidade de aplicar conhecimentos teóricos na prática. Para muitos, o contato direto com atividades interativas, como as oficinas de robótica, ecologia e astronomia representou uma experiência inédita e marcante, capaz de transformar o modo como a ciência é compreendida. Como destaca GOHN (2010), espaços educativos informais, quando bem planejados, favorecem aprendizagens significativas e o desenvolvimento do pensamento crítico. Nesse contexto, o Ciência no Parque consolida-se

como uma prática extensionista transformadora, ao promover o diálogo entre universidade e comunidade com sensibilidade, criatividade e compromisso social.

No que tange às sugestões para melhoria do projeto, 55,1% indicaram o desejo por mais atividades interativas, 33,7% sugeriram maior divulgação prévia, e outros aspectos como melhoria na infraestrutura e maior interiorização do projeto também foram mencionados, como mostra a Figura 11. Apesar disso, a totalidade dos participantes afirmaram que recomendariam o Ciência no Parque para outras escolas e cidades. Essa aceitação demonstra a potência da ação extensionista como promotora de transformação social e democratização do conhecimento científico.

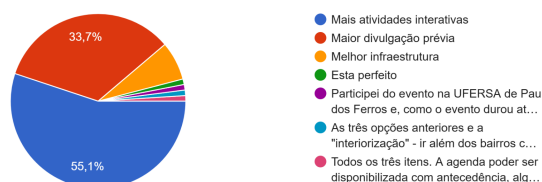


Figura 11 – Sugestões de melhorias para futuras edições do projeto. Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Essa expressiva recomendação do projeto Ciência no Parque para outras escolas e comunidades não se dá apenas por seu caráter lúdico e inovador, mas sobretudo pelo impacto formativo e social que promove. Os dados revelam que o projeto atua como uma ponte entre o saber acadêmico e a vida cotidiana, despertando o interesse de crianças, jovens e adultos por meio de atividades interativas, acessíveis e integradas às realidades locais. A presença de oficinas práticas, sessões no planetário móvel e experimentos de baixo custo contribui para ressignificar o papel da ciência na vida das pessoas, principalmente em regiões com pouco acesso a espaços formais de divulgação científica. Além disso, os relatos dos participantes evidenciam o poder transformador da iniciativa ao estimular o pensamento crítico, valorizar os saberes populares e provocar encantamento por meio da ciência. Portanto, a ampla recomendação do projeto expressa não apenas satisfação, mas também o desejo coletivo de ver esse tipo de ação multiplicada, interiorizada e reconhecida como ferramenta de inclusão, cidadania e desenvolvimento regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Ciência no Parque proporcionou uma vivência extensionista transformadora, reafirmando o papel da ciência como instrumento de desenvolvimento social. O projeto se alinha às diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária, promovendo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Trata-se de uma ação estruturante para a formação acadêmica e cidadã, fortalecendo o acesso ao conhecimento em espaços públicos e escolares, e promovendo o pensamento crítico e a cidadania científica.

Mais do que levar experimentos e atividades lúdicas aos espaços públicos e escolares, a iniciativa demonstrou como a ciência pode ser mediada de forma crítica, criativa e inclusiva, conectando saberes acadêmicos com os conhecimentos locais e os anseios das comunidades historicamente invisibilizadas.

O engajamento dos participantes, especialmente de crianças e jovens, evidencia o potencial da extensão universitária como ferramenta de democratização do conhecimento e de estímulo à cidadania científica. A ocupação simbólica e concreta dos espaços públicos por meio da ciência rompe barreiras geográficas, sociais e culturais, ressignificando o papel da universidade pública como agente de transformação territorial.

Além disso, as ações do Ciência no Parque revelam uma importante dimensão afetiva da divulgação científica. O encantamento, a curiosidade e os relatos dos participantes indicam que a ciência, quando compartilhada com empatia e compromisso, pode gerar pertencimento e identidade, especialmente em contextos de vulnerabilidade. As atividades realizadas nos municípios de Mossoró, Pau dos Ferros e Nova Barra de Santana evidenciaram o quanto ações de extensão, quando bem estruturadas e conduzidas com responsabilidade social, podem gerar impactos duradouros, tanto no fortalecimento da cultura científica quanto na criação de espaços de pertencimento, diálogo e valorização da educação pública.

Embora persistam desafios como a limitação de recursos financeiros e a necessidade de maior institucionalização da iniciativa, a continuidade do projeto tem sido garantida pelo comprometimento da equipe

envolvida, pela criatividade das ações e pelo vínculo afetivo construído com os territórios visitados. Esse engajamento é indicativo de que a ciência pode e deve ser uma ferramenta de transformação social, especialmente em contextos como o semiárido potiguar.

Portanto, este trabalho conclui que o Ciência no Parque é mais do que uma atividade extensionista: é uma política de inclusão, pertencimento e valorização da ciência como prática social. Reforça-se a necessidade de que iniciativas como essa sejam ainda mais institucionalizadas, financiadas de forma contínua e disseminadas em outras regiões, ampliando seu alcance e consolidando a universidade pública como agente ativo no desenvolvimento regional sustentável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] BRASIL. MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. 10 anos da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Brasília: MCTI, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/semana-nacional-de-ciencia-e-tecnologia>. Acesso em: 18 jul. 2025.
- [2] DE PAULA, Everton Luiz; SILVA, Olavo Cosme da; SILVA, Keliane Tainara da; REIS, Laysa Cristine. Parques da ciência como estratégia de divulgação da ciência e tecnologia. *Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 55–77, 2023. DOI: 10.5965/cidea.v6i2.22224. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/cidadaniaemacao/article/view/22224>.
- [3] LIMA, R. G. de et al. Divulgação científica e sustentabilidade: práticas extensionistas na Caatinga. *Extensão & Sociedade*, v. 13, n. 2, p. 98-114, 2021.
- [4] MARTINS, Isabel Gomes Rodrigues. E quando a ciência divulgada é a Educação em Ciências? *Ciência & Educação*, Bauru, v. 30, e24000A, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-73132024000A>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-73132024000A>.
- [5] MEDEIROS, Subênia Karine de; REBOUÇAS, Gustavo de Oliveira Gurgel; CASTRO, Késia Kelly Vieira de; SILVA, Jusciane da Costa e. Ciência no Parque: mostra de ciência na cidade de Mossoró e região. *Revista Em Extensão*, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 97–112, 2024. DOI: 10.14393/REE-v23n12024-68061. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/68061>.
- [6] OLIVEIRA, Marcelo de Amorim; MEDEIROS, Subênia Karine de; LIMA, Gylly Peterson Fernandes; REBOUÇAS, Gustavo de Oliveira Gurgel. Noite internacional de observação da Lua: divulgação de Astronomia, Astronáutica e Ciência em espaços públicos. *Revista Em Extensão*, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 83–96, 2024. DOI: 10.14393/REE-v23n12024-68064. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/68064>.
- [7] FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2012. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/prorext/files/politica-nacional-de-extensao.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2025.
- [8] GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e práticas educativas populares. *Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 18, n. 68, p. 19-40, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYdfQ/>.
- [9] IBGE. Panorama Mossoró (RN). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/mossoro>. Acesso em: 18 jul. 2025.
- [10] UFERSA. Ciência no Parque reúne multidão para observação do eclipse. Mossoró: Assessoria de Comunicação da UFERSA, 2023. Disponível em: <https://assecom.ufersa.edu.br/2023/10/14/projeto-ciencia-no-parque-reune-multidao-para-observacao-do-eclipse/>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- [11] SILVA, Jusciane da Costa e; MEDEIROS, Subênia Karine de; CASTRO, Késia Kelly Vieira de. Ações de extensão e a construção de espaços não formais de educação. *Revista Em Extensão*, Uberlândia, v. 22, n. 2, p. 55–67, 2023. DOI: 10.14393/REE-v22n22023-68068. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/68068>.